



Política, juventude e rede #vemprarua em Belém

Joice Santos (MPEG)¹

Rosaly Brito (UFPA)²

Rosane Steinbrenner (UFPA)³

Resumo

O artigo proposto resulta do diálogo acadêmico entre as autoras em torno de pesquisas em curso que têm como foco o segmento jovem da população, suas práticas culturais e comunicativas e as representações midiáticas sobre a(s) juventude(s). Discute-se aqui como se deu em Belém do Pará o fenômeno das manifestações massivas de rua protagonizadas por jovens ocorridas no Brasil desde junho de 2013. O estudo articula os resultados parciais dessas pesquisas com o material midiático recolhido, a observação *in loco* e o material que resultou de um grupo focal com jovens da cidade sobre a temática. Tais manifestações se revestiram, notoriamente, de características singulares - a convocação pelas redes sociais, a ausência de lideranças formalmente constituídas e a recusa às bandeiras partidárias, o uso de repertório simbólico muito particular e a mudança de tom imposta à cobertura midiática. Quais os contornos que tanto as manifestações de massa como seu tratamento pela mídia assumiram em uma capital periférica no contexto da Federação brasileira? É o que o artigo se propõe a investigar à luz do tema do IV Pentálogo do Ciseco.

Palavras-chave:

Política; juventude; redes sociais; cobertura midiática.

Abstract

The proposed article results from academic dialogue between the authors around ongoing researches that focus on the youth segment of the population, their cultural and communicative practices and media representations of the youth(s). This article discusses how the phenomenon of the massive street demonstrations conducted from young people, which took place in Brazil since June 2013 occurred in Belem, north of the country. It articulates the partial results of the mentioned researches with the media material collected, the *in loco* observation and the material produced in a focus group with young people of the city concerned. These protests showed peculiar characteristics - the convening by the social networks, lack of leadership and the refusal of flags of formally constituted parties, the use of very particular symbolic repertoire and the change in the imposed accent on media coverage. What contours that both mass demonstrations and their treatment by the media took on a peripheral capital in the context of the Brazilian Federation? It's what the article proposes to investigate around the theme presented by the of the Ciseco IV Pentálogo.

Keywords:

politics; youth; social networks; media coverage

¹Jornalista e pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi

²Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará

³Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará



*Os eventos são retratados como se não tivessem história. Parece que, de repente, houve um despertar brilhante, a consciência tomou a mente das pessoas e num evento do Facebook apareceram milhões de pessoas nas ruas. Um dos problemas com que temos que saber como lidar é como dar sentido histórico para o que estamos fazendo. **Vitor Quarenta**, Movimento ParaTodos, SP.*

A afirmação acima, de um dos protagonistas dos movimentos de protesto ocorridos em São Paulo nas chamadas “jornadas de junho”, em 2013⁴, sintetiza com precisão uma tendência marcante nos discursos midiáticos contemporâneos. Em um duplo movimento, ao mesmo tempo que buscam desistoricizar os movimentos sociais, em especial aqueles que constituem clara ameaça à ordem estabelecida, investem na desqualificação da política, desencorajando os cidadãos comuns à participação ativa, com o fim de relegá-los a meros espectadores da cena política.

Os cenários institucionais e políticos tradicionais são deliberadamente mostrados como algo apartado da vida dos cidadãos neste início do século XXI, que, como assinala Aduino Novaes (2007, p. 9), “começa sob a hegemonia do pensamento único”, como que soterrando as utopias, as promessas comunitárias e a política do futuro que marcaram os séculos XIX e XX. É neste cenário, conforme o autor, que se presencia uma “laboriosa construção do esquecimento da política, não exatamente dos acontecimentos, mas da própria origem da política, como se ela viesse de nenhum lugar, fosse destituída de qualquer fundamento” (idem).

Propositadamente desorganiza-se a memória da política e tudo vai se transformando em lembranças de menor importância. As revoluções políticas dão lugar às revoluções técnicas e mentais. O processo de autonomização da técnica coloca em xeque tanto o sentido de passado como de futuro, instaurando o reino do presente, volátil e instrumental. A dimensão humana e política da sociedade, porém, não pode sucumbir à lógica da tecnociência, que, para se afirmar como dominante, precisa fazer com que o passado seja esquecido. Do mesmo modo, a ideia de futuro também é posta à prova. “Vivemos em um

⁴Publicada na matéria “O que pensam os jovens que ocupam as ruas” da Revista Cult (nº 182, agosto de 2013), em que representantes dos movimentos e coletivos que estiveram à frente dos movimentos de rua em junho debateram o significado das manifestações.



presente eterno, e tudo segue as leis do fugaz, do veloz e do volátil, eterna mudança do mesmo” (NOVAES, 2007, p.12).

As manifestações de junho de 2013 no Brasil, nesse sentido, soaram como uma retomada, em novas bases, da cena política, agora ocupada predominantemente por jovens, na contramão da lógica do esquecimento da política. Por isso mesmo surpreenderam e inquietaram tanto. De “espectadora” dos acontecimentos políticos, a sociedade voltou ao centro da cena. Mas, apesar da evidente raiz social dos problemas que levaram à eclosão dos protestos, eles foram mostrados pela mídia brasileira como uma irrupção inesperada que se espalhou feito um rastilho de pólvora pelo país.

A declaração do ativista paulista Vitor Quarenta citada no início deste artigo – “os eventos são retratados como se não tivessem história”⁵ – resume de forma exemplar a construção discursiva que dominou o noticiário. Um dos clichês usados como slogan pelos manifestantes, a que os meios de comunicação recorreram à exaustão – “o gigante acordou”- sintetizava essa ideia da explosão momentânea, enfurecida, que, a despeito da força com que eclodiu, poderia ser mais uma onda volátil de protestos, seguindo a mesma lógica do fugaz acima mencionada.

Também o fato de terem sido manifestações convocadas e articuladas majoritariamente pelas redes sociais reforçou a ideia de que poderia ser um movimento meteórico, a ser rapidamente relegado ao esquecimento, seguindo a lógica que comanda a rede mundial de computadores. Uma gigantesca faixa portada por manifestantes no Rio de Janeiro com os dizeres ‘Somos a rede social’ e cartazes com a inscrição “Saímos do

⁵É interessante notar, por exemplo, que o Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo, que originou as primeiras manifestações e deu o tom dos protestos, existe desde 2003, tendo surgido no meio estudantil paulistano com o fim de lutar pela catraca livre, tarifa zero de ônibus para estudantes. Seu slogan é “por uma vida sem catracas”. Em dez anos de existência, porém, cresceu muito e ampliou sua plataforma de lutas, passando a reivindicar catraca livre para todo mundo. Segundo Mayara Vivian, uma de suas ativistas, longe de ser algo fora de contexto e inesperado, a bandeira contra o aumento de 20 centavos na tarifa, detonadora das primeiras manifestações, era apenas a ponta do iceberg de uma luta antiga, que tem como cerne a questão da mobilidade urbana, abrangendo também outras questões sociais urgentes, como a moradia e a saúde. “A gente luta pela inversão da lógica capitalista no sistema de transporte (...) O segundo maior gasto da família brasileira é com transporte [perdendo apenas para a moradia]. Nas cidades cada vez maiores, se você não tem transporte você não tem nada (...) O próprio exercício da vida passa pela circulação, e essa circulação tem uma catraca feia e cinzenta no meio, que vai rodando e tirando o seu dinheiro”, afirmou Mayara à Revista Cult, op. cit., pp.61-62. Certamente, portanto, o movimento em que se originou a onda de protestos, tanto quanto os outros que a ele se somaram, têm história e se lançaram com propósitos claros na luta. O inesperado ficou por conta da dimensão que os protestos assumiram em todo o país e o poder de mobilização do chamamento inicial, que em pouco tempo granjeou um sem-número de demandas não atendidas da população.



Facebook”, cujas imagens circularam massivamente no Brasil e em outras partes do mundo no período das manifestações, enunciavam polissemicamente essa porosidade entre o mundo social e o digital e a fluidez de fronteiras entre eles.

Justamente por serem caracterizadas como essa explosão de ordem eminentemente emocional, sem fundamento argumentativo e sem foco – “tudo isso só por vinte centavos de aumento nas passagens de ônibus? É muito barulho por nada!” – é que se justificava a contenção violenta por parte do aparato policial do Estado. E não houve escrúpulos no uso da força policial, como mostraram milhares de registros disponibilizados quase em tempo real na internet pelos manifestantes e por integrantes de coletivos como o Mídia Ninja⁶.

Na história das manifestações massivas de rua no Brasil foi a primeira vez que a cobertura midiática foi o tempo todo confrontada com as imagens e informações postadas na internet, sem dúvida um fato novo, que impôs recuos e uma necessidade permanente de os meios redirecionarem a cobertura, sob pena de perda vertiginosa de sua credibilidade. Essa disputa permanente de sentidos entre a mídia tradicional e as mídias sociais mostrou na prática, de forma eloquente, como a sociedade digital produz deslizamentos e alternâncias entre produtores e receptores da informação, rompendo de forma inelutável a hipertrofia de poder e a verticalidade que marcaram, no século XX, o papel das mídias de massa.

De outro lado, em vista de suas opções editoriais e por se tratar de um ano pré-sucessão presidencial, a grande mídia brasileira também tirou proveito dos acontecimentos. Se no primeiro momento a chamada oposição de centro-direita ao governo federal notabilizou-se somente pelo uso da repressão policial, como aconteceu com o governo de Geraldo Alckmin (PSDB), em São Paulo, em um segundo momento houve mudança de tom. Como porta-vozes, em sua grande maioria, desse segmento, setores hegemônicos da mídia adotaram um tom celebrativo em relação aos protestos.

⁶Sigla de “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”, coletivo de jornalistas voluntários que se constituiu com o propósito de narrar na internet em tempo real, sem cortes e de maneira independente, os principais eventos relacionados às mobilizações populares no Brasil, valendo-se de smartphones e de câmeras digitais. O grupo foi lançado oficialmente em março deste ano, durante o Fórum Mundial de Mídia Livre, na Tunísia. Cf. <http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/brasil/60294/midia+ninja+acredita+que+cobertura+sem+cortes+e+em+tempo+real+e+estimulante>. Acesso em 30 de julho de 2013.



Na última semana de junho, que se seguiu às maiores manifestações ocorridas até então, duas das principais revistas semanais do Brasil, a *Veja* e a *Época*, por exemplo, publicaram edições especiais sobre as jornadas de junho. A Revista *Veja* – de linha editorial notoriamente conservadora –, por exemplo, estampou na capa a manchete “Os sete dias que mudaram o Brasil”, reforçada pela imagem de uma manifestante caminhando de costas, envolta na bandeira nacional. Também foi uma imagem da bandeira do Brasil, só que em farrapos, que ilustrou a capa da edição especial de *Época*. A revista se valeu de parte da letra do hino nacional no título principal da capa, “Pátria Amada, Brasil”, seguida da indagação “Onde vai parar a maior revolta popular na história da democracia brasileira?”. Já a edição da Revista *Istoé* na mesma semana, em uma referência direta à música “Apesar de Você”, de Chico Buarque de Holanda, verdadeiro hino de resistência no período da ditadura militar brasileira, saiu com a manchete de capa: “Hoje você é quem manda”, seguida do subtítulo “A voz das ruas se impõe, assusta os políticos, conquistas vitórias e mostra que veio para ficar”.

A “voz das ruas” em 2013, embora não seja em si mesma um fenômeno novo, sobretudo se considerada a história recente de um país que viveu mais de duas décadas sob um regime totalitário ao qual a sociedade opôs forte resistência, desta vez ecoou e ganhou corpo sob condições singulares. Havia quase exatas duas décadas que o país não assistia a movimentos de rua dessa envergadura que o tomassem de ponta a ponta, como aconteceu em 2013.

Os movimentos mais recentes que antecederam as jornadas de junho foram a histórica campanha pelas Diretas-Já, em 1984, que varreu o Brasil de norte a sul na luta pelo restabelecimento das eleições diretas para a presidência da República, e, ironicamente, o movimento pelo impeachment do primeiro presidente eleito pelo voto popular após a ditadura, Fernando Collor de Mello, em 1992, dois anos após tomar posse. Foi a única vez na história republicana brasileira que um presidente foi afastado do cargo por impeachment, o que se deu graças à intensa mobilização popular no movimento que ficou conhecido como “Fora Collor”. Nessas manifestações, também foi marcante a presença de jovens, o que gerou o movimento dos chamados “carapintadas”, pois pintavam os rostos de verde e amarelo para irem às ruas protestar.

As manifestações de 2013, que muitos se apressaram em chamar de “Primavera brasileira”, em alusão à chamada “Primavera Árabe”, são dignas de um esforço analítico mais



profundo, pois trazem à tona uma série de novas características que em muito se assemelham às que marcaram movimentos sociais recentes no mundo. Todos parecem dizer muito sobre as demandas políticas, a forma de manifestação da sociedade e os rumos da democracia neste início do século XXI.

Entre eles, situam-se a rede global de movimentos Occupy, sob o lema “Unidos pela mudança global”, que nos Estados Unidos tem o nome de Occupy Wall Street⁷; a chamada Primavera Árabe, em 2011, que derrubou ditaduras instaladas há décadas na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen; o movimento dos Indignados na Espanha; as greves e ocupação das ruas na Grécia; a revolta nos subúrbios de Londres, os movimentos estudantis por educação pública e gratuita no Chile. Grande parte deles ocorreu em 2011, provocando “uma onda de mobilizações e protestos sociais que tomou a dimensão de um movimento global”, como argumenta o historiador Henrique Soares Carneiro (2012, p.7).

O autor chama a atenção para a forma epidêmica - no sentido grego original da palavra, que quer dizer algo que ocorre com muita gente do povo - que tiveram os movimentos daquele ano.

Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores (CARNEIRO, 2012, p.9).

Esse novo espaço público que está surgindo pressupõe o diálogo e a proximidade dos corpos humanos para converter as ruas em “espaço político de iguais”, como aponta David Harvey (2012, p.60). As derrotas que esses movimentos vêm impondo desde 2011 às estruturas de poder em várias partes do mundo demonstram como “o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado (...) são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou Facebook que importam” (idem, p. 60-61).

⁷Conforme Castells (2013, p.12), em 15 de outubro de 2011 o movimento Occupy mobilizou centenas de milhares de pessoas em 951 cidades de 82 países, “reivindicando justiça social e democracia verdadeira”. David Harvey (2012, p.61) sintetiza o objetivo desse movimento nos Estados Unidos. “Nós, as pessoas, estamos determinadas a retomar nosso país dos poderes do dinheiro que atualmente o controlam (...) Sua classe, os ricos, não vai mais governar sem oposição e nem herdar automaticamente a terra. Sua classe, a dos ricos, não está destinada a sempre vencer”.



Concordando inteiramente com Harvey, no sentido de não se superestimar os aparatos técnicos em detrimento dos processos sociais, parece-nos importante, no entanto, assinalar outras características importantes que as rebeliões populares, incluindo as jornadas de junho no Brasil, assumiram. Entre as mais importantes, além do protagonismo jovem, a ausência de lideranças políticas formalmente constituídas; a recusa aos velhos aparatos políticos e suas respectivas bandeiras e formas de luta; a complementariedade entre a ocupação do espaço público das ruas e as redes de comunicação no espaço digital, com o consequente questionamento dos enquadramentos da cobertura da mídia tradicional.

A seguir, trataremos mais especificamente de como aconteceram as jornadas de junho em Belém do Pará, segundo maior centro urbano da Amazônia brasileira⁸, qual o tratamento que lhes foi dispensado pela mídia local e quais os significados a elas atribuídos por um grupo de jovens da cidade, que debateram o tema em profundidade com as autoras.

1.1. **#vemprarua em Belém: mimetismo e peculiaridade**

A onda de manifestações que se espalhou pelo país a partir de São Paulo, tendo como marco propulsor o dia 13 de junho - quando a PM reprimiu violentamente a manifestação organizada pelo Movimento Passe Livre, gerando forte indignação expressa via redes sociais - reverberou no espaço público da cidade de Belém três dias depois. Foi quando se realizou o ato preparatório do que viria a ser a primeira de uma série de manifestações de rua ocorridas na capital paraense no prazo de pouco mais de duas semanas, de 16 de junho a 03 de julho, período considerado neste artigo, no rastilho do fenômeno nacional. Já nesse primeiro momento evidenciaram-se os modos de organização e mobilização não tradicionais que caracterizam de forma mimética a feição da nova safra de movimentos populares que se insurgiram no país.

Sem liderança pré-definida, convocados por meio de uma página no Facebook, criada por um movimento emergente, intitulado Belém Livre⁹ - que daria nome e a partir de então condução não-hierárquica ao movimento na capital - cerca de mil pessoas, em sua imensa

⁸Com 1,3 milhão de habitantes.

⁹Comunidade no Facebook, criada no dia 14 de junho, se apresenta como movimento da sociedade civil em Belém. <https://www.facebook.com/MovimentoBelemLivre>



maioria jovens, participam em pleno verão amazônico¹⁰, num domingo à tarde, de um exercício de democracia direta. No Anfiteatro da Praça da República, a mais central e histórica da cidade, em reunião aberta, sem microfone ou megafone, as falas, sempre curtas, eram repetidas pelos mais próximos até chegar aos mais distantes¹¹, numa espécie de jogral expandido, método que se viu em várias manifestações no país como forma de combater ferramentas tradicionais de controle na condução das mobilizações. A rejeição à presença de partidos políticos também se repetiu no movimento em Belém, com o banimento das bandeiras nas manifestações de rua no mês de junho.

O “mar” de cartazes individuais como expressão particular de um descontentamento coletivo em torno de bandeiras genéricas e amplas por direitos também esteve presente nas manifestações em Belém. Foi como se a forma sintética utilizada no microblog Twitter - em que tudo é dito em poucos caracteres - tivesse migrado para os cartazes que cada um portava expressando sua motivação para estar na rua. Afirmou-se então, de forma recorrente um deslocamento da lógica de ação da juventude atual - do espaço virtual para a ocupação do espaço público das ruas - e sua inerente, ainda que seja cedo para afirmar se permanente, politização.

As jornadas de junho ocuparam as ruas da capital paraense utilizando espaços do cenário urbano consagrados pelos movimentos sociais. Mas embora tenham refeito percursos antigos, também propuseram novos trajetos e montaram acampamentos que sinalizavam rupturas no padrão conhecido de manifestações públicas locais.

Se mimético na forma, as peculiaridades do movimento na capital paraense iriam se revelar especialmente no conteúdo de indignação particular que atuou como estopim das manifestações (Figura 1), bem como nos desdobramentos do movimento já no início do mês de julho. Pode-se dizer que o fator de aglutinação inicial dos protestos em Belém deveu-se à reação popular contra desmandos, descaso e corrupção locais, evidenciados emblematicamente nas obras do BRT (*Bus Rapid Transit*).

¹⁰O chamado *verão amazônico*, período menos chuvoso e mais quente na região de clima equatorial, inicia-se quando o resto do país vive o ápice do seu inverno, junho/julho e vai até dezembro.

¹¹Segundo relatos de participantes e fotos disponíveis nas redes, e material do jornal O Diário do Pará (<http://www.diarioonline.com.br/noticia-247614-onda-de-protestos-chega-a-belem.html>).

Figura 1: Chamada para evento e foto da primeira manifestação nas redes sociais



Fonte: Movimento Belém Livre

Iniciadas em 2012, já em final de gestão, com claro interesse eleitoreiro e sem qualquer transparência ou planejamento, as obras do projeto do *ônibus de transporte rápido*, anunciado como solução para um sistema de transporte coletivo precário e ineficiente, comandado no município por empresas familiares que atuam sem licitação¹², transformaram o trânsito da cidade, já difícil, em um caos permanente. Inúmeras irregularidades foram apontadas pelo Ministério Público Estadual (MPE): falhas no projeto, na licitação, desvios de recurso. A obra foi embargada diversas vezes, agravando o caos urbano, e hoje acumula 16 processos do MPE contra a administração municipal e o prefeito anterior.

O BRT se evidenciou assim como o sucedâneo local dos megaprojetos da Copa de 2014, que foram o mote dos protestos nacionais, porém inserindo um componente de ímpeto cívico por mobilidade urbana. No trajeto da primeira manifestação em Belém (17 de junho), 15 mil pessoas percorreram pacificamente a avenida onde se instala a obra inacabada, numa espécie de reapropriação do espaço físico da rua desumanizada das grandes metrópoles, e no caso do BRT, desvairada pela insensatez e pelo descaso administrativo.

Até o final de junho, outras três manifestações, articuladas pelo Movimento Belém Livre, aconteceram na cidade (dias 20, 24 e 26), reunindo a cada vez cerca de 10 mil pessoas.

¹²Em Belém nunca houve uma licitação para a concessão do serviço de transporte público. Segundo o Ministério Público Estadual, cerca de 40 empresas comandam o sistema, impondo itinerários e quantidade de ônibus, em um sistema que atende diariamente perto de um milhão de passageiros, numa clara confusão entre o privado e o público (Promotor de Justiça Raimundo Moraes, em Audiência Pública do BRT, março de 2013).



Sem deixar de lado questões nacionais, como a PEC 37, o protesto contra o projeto da “Cura Gay”, ou mais regionais, como a luta contra a Usina de Belo Monte, o foco do movimento centrou-se na luta pelo passe livre, ou tarifa zero, e o destino final das passeatas passou a ser o prédio da Prefeitura Municipal de Belém, onde registraram-se os conflitos entre manifestantes e policiais¹³. O momento mais tenso dos atos se deu, entretanto, ao final da ocupação da Câmara Municipal de Belém (CMB) por cerca de 600 estudantes que exigiam sessão especial para a votação do Plano Plurianual (PPA) e a aprovação de emendas que propunham o passe livre para estudantes, a redução da tarifa de ônibus e o seu congelamento por dois anos. As emendas foram rejeitadas e a desocupação se deu sob forte repressão da Guarda Municipal. A Prefeitura manteve-se irredutível e não negociou com os manifestantes.

Diante do impasse em torno da questão da tarifa e do passe livre, o Movimento Belém Livre sofreu uma espécie de refluxo de mobilização, talvez influenciado também pelo início das férias escolares no Ensino Médio, o que naturalmente provocaria uma desarticulação dos novíssimos manifestantes que atenderam ao chamado do #vemprarua em Belém. Foi nesse momento que se percebeu uma mudança na natureza, na agenda e na forma das manifestações que continuaram a ocupar as ruas da cidade.

A lógica veloz, horizontal e anônima das mobilizações que surpreenderam o país parecia dar lugar mais uma vez às formas tradicionais de organização dos movimentos sociais, com suas pautas específicas e articulação central. O arrebatamento das ruas, porém, indicava ter vindo para ficar. A explosão civil das manifestações massivas levou diversos segmentos, em diferentes cidades do interior do Pará e em diferentes bairros de Belém, a expressarem nas ruas suas reivindicações específicas¹⁴.

¹³ Como saldo trágico dos confrontos, a morte da gari Cleonice Vieira de Moraes, de 53 anos, que sofreu uma parada cardíaca após o lançamento de bombas de efeito moral pela polícia durante o protesto do dia 20 de junho, no primeiro confronto entre manifestantes e a tropa de choque posicionada em frente ao Palácio que abriga a sede da Prefeitura de Belém.

¹⁴ Num só dia (02 de julho) diversas manifestações ocuparam as ruas de Belém: policiais militares e bombeiros fizeram passeata a favor da PEC 300; o movimento Médico, Vem Pra Rua Também” exigiu melhores condições na saúde; funcionários da maior rede de supermercados de Belém entraram pela primeira vez em greve por melhores salários; flanelinhas fizeram manifestação por melhores condições de trabalho. Ainda em julho, vários cursos da Universidade Federal do Pará pararam por melhores condições de ensino, e um pouco adiante os jornalistas de Belém, depois de mais de quase duas décadas anos sem (re)ação coletiva, entraram em greve por melhores condições de trabalho.



1.2. Efeitos de sentido em disputa na mídia paraense

O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma (MOUILLAUD, 2002, p.85).

Assim como as ruas, os espaços dos principais jornais diários locais – O Liberal (das Organizações Romulo Maiorana, fundado há 67 anos) e o Diário do Pará (da família de Jader Barbalho, com 30 anos de existência) - foram conquistados pelas manifestações, desde as primeiras páginas até as páginas internas. Elas dominaram editoriais, páginas de cidades, política, esporte, polícia e até o columnismo social. Quando a política saiu dos lugares institucionais e ocupou as ruas, a força dos acontecimentos provocou uma quebra na convenção do noticiário cotidiano, tendo como indicador a quantidade de páginas dedicadas à cobertura das manifestações, a abordagem em escala nacional (cruzando material dos repórteres locais e de agências), o uso significativo de ilustrações, mapas, boxes e quadros cronológicos. Foi um desses momentos, entre os já mencionados de nossa história recente, em que o sentido de país e nação foi construído imagetivamente por uma cobertura jornalística nacional que não estava ligada à celebração do futebol e do carnaval.

Se as jornadas de junho reproduziram-se de forma muito semelhante nos diferentes estados brasileiros, a cobertura midiática também apresentou traços comuns em sua abordagem. Mas houve particularidades dignas de nota que diferenciaram a cobertura de um veículo para o outro. O Diário do Pará fez uma cobertura mais extensa das manifestações em Belém e no interior do estado, procurando reportar, inclusive, o funcionamento de uma manifestação e do Acampamento Cleonice. Do contrário, O Liberal restringiu-se aos municípios da Região Metropolitana, especialmente Belém. O Acampamento na Praça do Operário, local estratégico na entrada da capital paraense, ajudou a tirar do anonimato a morte da já referida gari Cleonice, até então apenas vagamente mencionada no noticiário, que inicialmente não informou nem seu nome e nem as circunstâncias do óbito aos leitores.

Ambos os jornais procuraram caracterizar como alvo preferencial das críticas populares sobre corrupção os dirigentes do Liberal e do Diário, fornecendo muitos detalhes do que as pessoas gritavam quando estavam em frente à sede das emissoras de tevê vinculadas as suas organizações - TV Liberal (afiliada da Rede Globo, politicamente vinculada ao partido PSDB, que governa o Estado e a Prefeitura de Belém) e a Rede Brasil Amazônia (afiliada da



TV Bandeirantes, politicamente vinculada ao partido PMDB e base de apoio do Senador Jader Barbalho), respectivamente.

Os sucessivos embates nas primeiras páginas, em notas de colunas e notícias no interior do jornal, são um exemplo extremo da afirmação de Mouillaud (2002, p. 86) de que a “relação entre os jornais é uma relação polêmica antes mesmo das polêmicas que os opõem (...) o nome do jornal só é percebido quando está em concorrência com o ‘outro jornal’”.

Após analisar as manchetes das primeiras páginas e os títulos nas notícias no interior dos jornais no período entre junho e julho de 2013, destacando especialmente as edições de 18 e 21 de junho e a de 3 de julho, podemos afirmar que o Liberal e o Diário do Pará seguiram a tendência conservadora da mídia nacional. Embora caracterizassem as manifestações como “pacíficas”, investiam em ilustrações, legendas e subtítulos que afirmavam o caráter violento dos protestos. Esta leitura pode ser percebida claramente na edição do dia 18 de junho do Diário do Pará, que relacionou a primeira passeata com assaltos e mortes ocorridos na cidade, enfatizada pela manchete da primeira página em letras garrafais “Isto É Belém”, significando com fotos e títulos que a cidade viveu um dia infernal.

A articulação feita pelo Diário descrita no parágrafo acima confirma sua opção editorial pela linguagem própria do noticiário policial, ressaltado pelo uso do vermelho em fios e olhos. Assim como o uso de termos elogiosos aos mandatários principais do Governo do Estado e da Prefeitura evidenciaram o comprometimento político do jornal O Liberal, que procurou contrapor o pacifismo da primeira passeata em Belém aos confrontos relatados em outros estados. Todavia, as notícias dos protestos sempre vêm acompanhadas de uma ilustração ou de termos que constroem uma relação entre as jornadas e a violência.

Na segunda passeata, noticiada no dia 21 de junho, o termo recorrente na grande mídia “grupos minoritários” aparece na manchete de primeira página de O Liberal sendo estes responsabilizados pelos “atos de violência”. As imagens e relatos dos confrontos monopolizaram os espaços noticiosos. A edição do Diário do Pará deste dia é emblemática. A manchete garrafal da primeira página, antecedida por um antetítulo Onda de Protestos é complementada pelo título “Clima de Guerra” e uma foto ampliada do Batalhão de Choque da PM em posição de ataque e disparando rojões, com fotos menores de um manifestante mascarado ajoelhado de braços abertos, em posição de rendição frente a uma fila de PMs e um plano geral da passeata.



Na edição acima referida, no interior do jornal, uma página dupla com títulos de *Guerra e Paz*. As cenas de Guerra apresentam várias fotos de confronto em fundo preto e na página ao lado, intitulada Paz, uma vista área da passeata mostra um mar de gente em frente a um dos cenários marcantes de Belém – o Mercado Ver-O-Peso. A narrativa das imagens buscou associar a manifestação com o tradicional percurso da maior procissão religiosa do Brasil, o Círio de Nazaré. A página é pontilhada por outras fotos menores com os manifestantes pintados e portando cartazes, mas os textos que acompanham apresentam títulos que se referem à violência: “Tensão durou até o meio da noite”; “No final, 24 pessoas foram detidas” e “Pedras, gritos e invasão”. Ao todo, são sete páginas dedicadas às manifestações, ressaltando protestos contra as Organizações Rômulo Maiorana, a incidência de confrontos em vários estados, a falta de controle dos tumultos e a posição do Prefeito Zenaldo Coutinho em não reduzir a tarifa dos ônibus de Belém.

Na edição do dia 3 de julho de 2013, novas cenas de confronto entre polícia e manifestantes no noticiário que relata a desocupação violenta da Câmara Municipal de Belém. O Liberal anunciou os fatos com o antetítulo “Protestos, confrontos, desmaios, vereadores acuados”, seguido da manchete “Câmara vira caldeirão” e quatro fotos de vários momentos de conflito. O Diário do Pará também ressaltou o clima de conflito com o antetítulo “Votação do PPA” e a manchete “Tensão e Confronto na Câmara”, ilustrando também com quatro fotos de confrontos, todavia tecendo críticas ao sistema de transporte público da cidade e a posição da prefeitura em não atender as reivindicações.

Os protagonistas das manifestações foram frequentemente denominados de carapintadas, em alusão ao Movimento Fora Collor, com fotos que enfatizavam rostos pintados e o uso alegre de máscaras e narizes de palhaço. Por meio da fala dos representantes da PM, estes jovens foram apontados como responsáveis pelas turbulências dos confrontos pelo fato de não terem definido lideranças para negociar com os policiais e os gestores públicos. O noticiário local também manteve a construção da imagem de um movimento que eclodiu das mídias sociais. Mas não investigou qual foi o papel dessas mídias junto aos protagonistas, do mesmo modo como obscureceu as origens históricas das reivindicações, o que se evidenciou nas falas descontextualizadas e deslocadas dos manifestantes.



1.3. Entre a ética e o desejo: o eco que vem das ruas

Tudo o que foi exposto acima revela como as metrópoles brasileiras contemporâneas servem de palco para vivências juvenis complexas e contraditórias, marcadas ora pela integração, ora pelo conflito, visto serem, “um quadro de contrastes exacerbado pela heterogeneidade e desigualdade social e cultural, pela fragmentação e compartimentação de espaços de moradia e vivência, pela violência, pela degradação e perversa distribuição dos equipamentos coletivos”, como bem define José Guilherme Magnani (2003).

Nesse cenário, são múltiplas e desiguais as juventudes, submetidas, no entanto, aos mesmos apelos de consumo e às imagens estereotipadas projetadas em torno delas na mídia. Entre dois extremos - uma juventude branca, de classe média e com padrões elevados de consumo, e uma juventude negra e pobre, moradora da periferia das grandes cidades, em geral associada à violência urbana e ao tráfico¹⁵ -, os jovens tentam constituir-se como sujeitos e buscar seu lugar em um mundo cada vez mais competitivo, no qual imperam violências de todas as ordens.

Apesar das incertezas típicas da situação de liminaridade que caracteriza esse grupo etário¹⁶ na época moderna, e especialmente no século XX, os processos revolucionários foram sempre identificados como vocação dos jovens, por serem supostamente portadores das sementes do novo e do inconformismo. Renato Janine Ribeiro (2004) chama atenção, no entanto, para a posição pendular dos jovens, que ora favorece a emancipação - por serem os destinatários preferenciais dos discursos alternativos-, ora a subordinação. Conforme o autor, desde meados do século XX os jovens são disputados por duas forças importantes e mais ou menos antagônicas: de um lado, a ideia de revolução, como depositária dos ideais que afrontam a ordem, e, de outro, a publicidade, que tem na juventude seu principal alvo para os

¹⁵Os jovens brasileiros são expostos a taxas elevadíssimas de mortalidade por causas externas e violentas, havendo, entretanto, uma “mortalidade seletiva” segundo Walselisz (2012). Alvos preferenciais dos homicídios perpetrados contra esse segmento da população, morrem proporcionalmente duas vezes e meia mais jovens negros que brancos. Em oito anos, duplicou a taxa de jovens negros assassinados, saltando de 36% em 2002 para 76% em 2010. Cf. Mapa da Violência 2012 (Ministério da Justiça).

¹⁶Para muitas instituições que desenvolvem políticas a eles voltadas consideram-se jovens aqueles que se situam entre 15 e 24 anos de idade, enquanto para outras a faixa se estende até os 29 anos. Hoje, porém, são cada vez mais fluidas as fronteiras entre as faixas etárias, em um processo que a antropóloga Guita Debert (2010) chama de “descronologização da vida”, com o alargamento da juventude, que passou a ser um valor cultivado por pessoas de diferentes faixas etárias. Trata-se de um processo amplo, entendido como “juvenilização da cultura”.



apelos de consumo. Na prática, essas duas posições nem sempre se opõem frontalmente, podendo haver composições e negociações entre elas.

Entre a rebeldia e a integração, os jovens situar-se-iam hoje na difícil confluência da ética e dos desejos, termos que frequentemente se opõem e se situam em campos distintos. Mas, a despeito de a política ser uma área “desenergizada” em nosso tempo, como argumenta o autor, ela não pode prescindir de novas motivações para se reciclar. Enquanto a juventude do século XX inspirou-se nas inúmeras revoluções que o marcaram, grande parte do “sangue novo” da política hoje vem, a seu ver, do que chama de “indignação ética”, que passa a politizar o que antes não era visto como político. A luta ecológica é um exemplo importante dessa forma de indignação.

A indignação ética, que pode ou não estar associada a partidos, parece ser uma das fontes principais das rebeliões populares que vêm acontecendo no mundo e no Brasil. Considerando os fins deste artigo, achamos importante dialogar com um grupo de cinco jovens, com idades entre 21 e 31 anos¹⁷, para entender os significados que atribuíram à sua própria experiência nas jornadas de junho de 2013 em Belém e aos acontecimentos que sacudiram o país de ponta a ponta desde então. Buscamos também perceber como veem um dos temas mais abordados em relação às manifestações: a cobertura da mídia versus o papel das redes sociais.

A maioria dos integrantes do grupo participou, ainda criança, de atos políticos (carreatas, atos públicos, comícios) pró-Partido dos Trabalhadores (PT) com os pais, nas sucessivas campanhas para presidente que iniciaram em 1989. Depois de um longo hiato temporal, em 2013 viram-se descobrindo por si mesmos a política, desta vez como protagonistas. Críticos contundentes das práticas políticas tradicionais, defendem, no sentido que Janine Ribeiro aponta, uma ampliação do campo político, centrado não só em valores estritos do campo, mas também humanos e éticos. “Tu não queres ser dominado, controlado, tu queres construir a tua verdade. A gente precisa reconstruir, ressignificar a utopia”, resumiu Tainah, uma das integrantes do grupo, de forma lapidar. Visão que foi complementada por

¹⁷Três mulheres e dois homens, todos da área de comunicação, sendo dois já formados e três estudantes. Somente uma delas está vinculada a um partido de esquerda, e outro, embora hoje afastado, também tem longo histórico de militância partidária. Dentre eles, só uma não foi às manifestações e acompanhou tudo pelas redes sociais. Nenhum dos participantes se opôs ao uso de seu nome verdadeiro neste texto. Para o debate com eles, realizado no dia 04/09/2013, adotamos a técnica do grupo focal. O debate se desenrolou durante três horas.



Luená – “Muita gente foi levada a participar justamente por não ser organizado, pelo desejo de estar na rua de uma maneira mais livre (...) a grande questão é que há demanda por uma nova política, uma nova forma de participação”.

A “ressignificação da utopia” ou das formas de buscá-la, conforme o sentimento majoritário do grupo, passa pela renovação dos aparatos pelos quais a política classicamente se exerceu, como partidos e sindicatos, cujas práticas lhes soam hoje anacrônicas, viciadas e incapazes de sensibilizá-los. Aí reside, de modo geral, a razão de se identificarem com a forma de manifestação proposta pelas jornadas de junho, sentimento também compartilhado pelos dois jovens do grupo que têm ou tiveram militância partidária, como resume Andréa, convicta militante. “O que estava colocado era que a nossa geração não tinha direito a sonhar, como se tudo tivesse que ficar como está (...) Nós, jovens, fomos ensinados a não ter a chance de sonhar e isso caiu por terra”.

Em relação a outros dois aspectos centrais que marcaram as manifestações - o papel das redes sociais e a cobertura da mídia -, o grupo demonstrou claramente, diferentemente da imagem que se constrói em relação aos jovens, não acreditar em poderes mágicos da tecnologia. “Redes sociais não são inerentemente nem boas nem más, são ferramentas, que podem ser usadas para fins diversos. Elas foram usadas tanto pela direita quanto pela esquerda, são disputadas no espaço social”, argumentou Kleyton, sintetizando a opinião geral do grupo.

De outro lado, há o reconhecimento de que “o imediatismo das redes sociais foi muito importante na convocação para os protestos”, como assinalou Fernando. Esse mesmo imediatismo favoreceu enormemente, na opinião de todos, o confronto entre os fatos mostrados em tempo real na internet e a cobertura dos acontecimentos feita pela grande mídia. Um dos melhores exemplos foram as cenas de violência do Estado contra os manifestantes, mostradas à exaustão pelos vídeos que circularam no YouTube. A força testemunhal dessas imagens veiculadas sem edição impôs um recuo aos meios de comunicação em escala nacional.

Se no noticiário sobre as primeiras manifestações, estas foram mostradas genericamente como “violentas”, a partir daí a mídia criou uma categoria - observação feita por Kleyton - de um “pequeno grupo de vândalos”, matizando o tom da cobertura em um intenso processo de “negociação” orquestrado pelo que era divulgado pelas redes sociais.



Ainda assim, como vimos no tópico anterior, de forma mais ou menos velada o noticiário continuou a qualificar os protestos como violentos. Mais que nunca as ruas e a grande mídia estiveram em confronto. E o que Tainah chamou de “envelopamento tradicional” dos fatos pela grande mídia foi posto em xeque.

Não é possível por enquanto imaginar quais serão os desdobramentos dos protestos de junho de 2013 no Brasil. O que já é possível saber, no entanto, é que, tal como a onda de manifestações ocorrida no mundo desde 2011, eles parecem ser portadores de novas demandas políticas neste início de século, locais em suas especificidades, mas mundiais nos contornos que assumem. Trata-se de buscar romper os abismos existentes entre os poderes – econômicos, políticos, midiáticos – e a vida cotidiana dos cidadãos comuns, em suas múltiplas e complexas necessidades de várias ordens. Por outras palavras, “ouvindo” os jovens com quem dialogamos, as jornadas de junho permitiram, como destacou Fernando, “romper a cultura do imobilismo (...) O que dá para perceber que mudou é a vontade das pessoas de fazer alguma coisa para mudar”. Ou, nas palavras de Andréa, “A situação política agora é totalmente outra. Se a gente não sabe o que a gente quer, a gente sabe o que a gente não quer”.

De lado cada um de nós como indivíduo estará, ou que rua vai ocupar, como observou David Harvey (2012), só o tempo dirá.

Referências bibliográficas

- CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, pp. 7-14.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 16, n. 34, pp.49-7, jul/dez 2010.
- HARVEY, David. Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, pp. 57-64.
- MAGNANI, José Guilherme C. A rua e a evolução da sociabilidade. In: **Revista digital de Antropologia Urbana**. ISSN 1806-0528, Ano 1, vol. 1, nº 0, outubro de 2003.
- MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- MOUILLAUD, Maurice. O nome do jornal. In: PORTO, Sérgio Dayrell; MOUILLAUD, Maurice (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, pp. 85-98.



NOVAES, Adauto (org.). Políticas do esquecimento. In: **O esquecimento da política**. Rio de Janeiro: Agir, 2007, pp. 9-26.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, pp. 19-33.

RODRIGUES, Alana. Mídia Ninja acredita que cobertura sem cortes e em tempo real é estimulante. Disponível em:

<http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/brasil/60294/midia+ninja+acredita+que+cobertura+sem+cortes+em+tempo+real+e+estimulante>. Acesso em 30 de julho de 2013.

VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antonio; HERBERLÊ, Antonio Luiz. (Org.) **Internet: viagens no tempo e no espaço**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012.